

“O RENDER DOS HERÓIS”

Bem diversa desta peça é a narrativa dramática em três partes e uma apoteose grotesca de José Cardoso Pires “O Render dos Heróis” (2). Aparentemente quase sem fio condutor ou sem anedota central, como uma peça privada de protagonista, onde sobra o “secundário”, esse mesmo elemento secundário ou adjacente da compararia nos avassala e se nos impõe: o herói novo, que é o povo.

Situado no período das lutas liberais, inextricado e incoerente, esse povo, na força das suas aspirações essenciais de justiça e libertação, afirma-se à rebours da ló-

gica política. E assim os paladinos, heróis antigos, mor-tos ou paralisados, com Maria Ricarda, são em “O Render dos Heróis” ultrapassados pela onda, mesmo quando a acompanham até onde lhes seja possível. Peça inteligente, subtil, e, no entanto, truculenta, plena de verve, de casticismo e sem sentido cômico, é-o esta obra singular de Cardoso Pires (romancista de primeira plana), que noutras circunstâncias poderia tentar um encenador com o sentido da aventura em teatro. Personagens bem providos de idéias uns e outros de sentenças não lhe faltam, nem diálogos vivos, lúcidos, mexidos. O Dr. Silveira representa o processo dos possidentes desencantados; Matar mundos o suporte bélico das hierarquias burguesas; o cego a astúcia picara. E Maria da Fonte? Maria da Fonte é o mito, pura emanção do povo, tanto que não chega a apurar-se quem realmente ela será.

*“Jornal de Letras”, Rio de Janeiro
Julho 1961 (Ulisses T. Rodrigues)*